

Trechos de um Natal de paz

Ademir MEDICI

Um menino nasceu debaixo de uma ponte. Um menino preto. Chama-se Jesus Cristo. Sua naturalidade: são-bernardense.

Neste mesmo dia - 25 de dezembro - toda a vila de Paranapiacaba, no Alto da Serra, pára e festeja. Há violões, clarinetas e violinos. É festa.

Em São André, o palhaço Estrimilique está indo para o céu. O fotógrafo Luiz Gutierrez esquece sua companheira máquina de fotografar e vira Papai Noel.

Na São Caetano vizinha pelo menos quatro fábricas de brinquedos trabalham sem parar para atender aos pedidos das crianças. Um riacho só.

Há castanhas aos montes nas fileiras de castanheiras de Riacho Grande, onde a represa tem águas tão límpidas que dá gosto beber.

Em Ribeirão Pires, Euclides Menato toca piano e anima um coral grandioso formado pelos homens e mulheres da Matriz de São José, pelos alunos do grupo escolar, pelos estudantes do externato, pelos canteiros das pedreiras, pela alegre e animada Alice Grecco Benvenuto, por todos os passarinhos, por todos os jogadores do Ribeirão Pires FC, pelos Bertoldo e pelos Maziero, pelos Ugliengo e pelos Prisco, por todos os Joões, por todas as Marias.

Roberto Botacin dá um tempo e brinda a chegada dos ferroviários trazendo sacos de castanhas, nozes, avelãs e uvas passas.

Paschoalino Assumpção, atrasado, cruza os trilhos da estrada de ferro com todos os jogadores de futebol do mundo para não perder a Missa do Galo na Matriz da Vila Assumpção.

Em São Caetano, Jayme da Costa Patrão recebe a Pujol, mostra o que mudou na *urbe* leva os visitantes à velha Matriz, onde o padre João Batista Pelunda vai celebrar a Missa do Galo.

O padrão global não invade a região. E todos os grupos de Folias de Reis são convidados a inaugurar na Senador Fláquer, o Cine Teatro Carlos Gomes, restaurado e respeitado como grande patrimônio histórico da Nação.

É Natal. O peão da Volks abraça o trabalhador que constrói a linha de trilhos. O dono da pequena fábrica de autopeça faz um brinde ao candidato a vereador que lança um olhar de bondade ao estudante do cursinho Singular.

O presépio ganha vida e todas as fábricas ligam seus apitos. A



1909. Natal em Paranapiacaba e o serviço ferroviário

favela confunde-se com o luxuoso apartamento de cobertura. Não é mais PDS nem PT. A árvore não será derrubada e todos são convidados à ceia de frango com polenta. O ontem é hoje e o amanhã aí está. Tempo de eternidade, tempo de confraternização. Já se fala em réveillon.

Quem sobreviveu foi para a roça

Natal de paz. O presépio da Matriz de São Bernardo diz: - Ouvi o clamor desse povo negro.

Lourenço Lentini, 22 anos, professor de cursinho, que faz História na USP, conta que não se registrou reação contrária à tentativa de levar uma mensagem educativa catequética, no presépio. Pelo contrário: registrou-se estímulo, como o aplauso da União de Defesa das Baleias.

O presépio, no todo, é simples. Como todos os presépios, lembra o nascimento de Cristo. Só que um Cristo preto, que nasce sob a ponte da cidade grande. Tudo é presente: ali está a Poluibrás, uma fábrica que seleciona operários. Ali está a favela e todas as consequências da abolição oficial da escravatura no Brasil, há 99 anos: o racismo. Um racismo muitas vezes disfarçado na própria seleção do pessoal. Que o candidato tenha boa aparência. Ou seja: que não seja negro.

E há o passado. Os painéis com desenhos de caravelas - ou tumbeiros - que traziam os negros da África (tumbeiros porque no caminho mais da metade da tripulação morria nos porões imundos das embarcações). Quem sobreviveu foi para a roça. Ali o trabalho duro e forçado. E os castigos. O presépio conta tudo isto, antecipando a Campanha da Fraternidade de 1988, idealizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e que focalizará o negro e o centenário da abolição.

O tema surgiu na Pastoral da Juventude da Matriz de São Bernardo, coordenada por Lourenço Lentini. Levada ao Conselho Pastoral Paroquial, foi aprovada. Quinze ou 20 pessoas trabalharam na montagem do presépio, que ficará armado até o segundo domingo de janeiro.

Na frente os músicos da Lira engalanados

O primeiro presépio foi iniciativa de São Francisco de Assis. Era 1223 e o cenário foi Greccio, pequena aldeia da Itália. O objetivo era trazer a lembrança do nascimento de Cristo.

Colonizadores portugueses trouxeram o costume para o Brasil. Os imigrantes do século passado também. E veio a imagem europeia, com neve, com pinheiros. Na África é normal o presépio com a figura de um bebê negro, simbolizando Jesus Cristo. Mas no Brasil...

No Grande ABC houve a experiência de dois anos passados. O jovem Paulo, preto, sorridente, simpático, laboratorista do *Diário do Grande ABC*, virou Papai Noel. Um Papai Noel preto. Capa de um suplemento do jornal como este. Agora, em São Bernardo, um Menino Jesus preto.

Em 1909, em Paranapiacaba, o 25 de dezembro foi comemorado com festa e música. Uma foto foi batida, com todos os personagens. Gente bem-vestida, na frente os músicos da Lira, engalanados. Entre eles o pioneiro Faustino da Silva, filho de Bento José Rodrigues da Silva e avô de José Antonio Reitano, 27 anos.

Não se vê nenhum preto na foto.

O que se vê é uma comemoração. É o Natal que chegou. Os trens eram poucos e o serviço pôde ser paralisado sem problemas para a comemoração.

E hoje, 78 anos depois? Quem responde é Antonio Carlos Santos Mello, 36 anos, agente especial de segurança de Paranapiacaba, mais conhecido por Fanta.

Ele diz que a confraternização deste dia será a melhor possível. Mas a vila não pode parar. De 50 a 100 manobreadores, maquinistas, agentes, bilheteiros, o chefe da estação, o pessoal que mantém o tráfego de trem, o que coordena a sinalização, gente do CPC - Comando de Tráfego Centralizado - este pessoal trabalhará para que os serviços ferroviários não sejam interrompidos.

O último trem de passageiros